

Que rei sou eu?

Maurício Faria*

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o conto “O Rei dos papagaios”, de Manuel Rui, tendo em vista os traços nele presentes de um processo de construção de identidade de uma sociedade caracterizada pela presença de grupos minoritários que não se reconhecem como sujeitos de seus próprios territórios.

Que rei sou eu, perguntaríamos. Que rei dos papagaios é a nossa personagem principal, Kalakata? Como e de onde emerge esta criatura tão permeada de desejos e tão reveladora do *status quo* das terras africanas? Será esta escrita representante de uma cultura que se quer autônoma, com características próprias, ainda que marcada por fatores externos, como a língua que a identifica como nação, e internos, a busca de uma identidade, de uma diferenciação que a legitime? Pode a escrita do conto representar uma literatura que se quer independente, original. Como assim, original? Uma literatura que tenha um mínimo legítimo, um mínimo todo seu, todo próprio, um mínimo todo cara sua?

É justamente essa busca de identidade que vai estar presente no conto “O Rei dos papagaios”, de Manuel Rui. A leitura, que nos propusemos fazer, pretende ser uma pequena reflexão sobre a busca das identidades africanas vista como um processo em construção. O texto em questão revela, talvez, no seu interior, um conflito cultural ainda vivo na contemporânea África. Pertence a uma literatura que tem uma cara, pois trata de questões peculiares aos espaços de pertencimento daqueles que foram dominados no passado e dos resquícios dos dominadores, ou seja, do conflito intrínseco que se mostra na mistura de raças e de crenças, de costumes e de existências, de passado e de presente.

O nosso Rei-Kalakata, assim como o Rei-Édipo, tem um destino traçado por sua própria condição de existência dentro deste espaço social marcado por intensas contradições. A personagem indiscutivelmente se impõe em relação

* Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

ao seu grupo e aos olhos dos outros grupos que formam o mosaico cultural africano. Indubitavelmente a personagem se apresenta marcada diante dos outros e a sua diferença não se resume apenas a uma tipificação própria da estratificação social legitimada. A diferença, na personagem, é fisicamente marcada: “orelha ratada”, orelha devorada pelos ratos de seu diverso mundo, “naque-la traseira, improvisada com tijolo por rebocar e zinco. Traseira que era da casa-anexo, alugado”. (p. 11)

Temos diante de nós um conto com profundo apelo sócio-existencial. Este apelo também se apresenta em outros textos de Manuel Rui, como no famoso **Quem me dera ser onda** (1991). Em “O Rei dos papagaios”, pequenos detalhes trazem à tona os conflitos sócio-fundadores fundamentais de uma sociedade desigual na qual emerge nossa personagem, ser transeunte, pois sonha transitar nos vários mundos ao seu redor.

Kalakata é de uma humildade cortante. Esmagado por uma máquina social cujo funcionamento não pode ser entendido por uma criança de nove anos, embora ela se defenda dele com toda garra. Quando se trata de sobrevivência, quando se precisa garantir o pão de cada dia, brota de dentro da personagem uma dupla força interior, que vem, talvez, de um consciente desejo de viver e de uma inconsciente necessidade de resistir às adversidades que se abatem sobre ela.

Não obstante, a dureza dos fatos, imposta pelo lugar que Kalakata ocupa no meio social e por trazer dentro de si uma diferença marcada pela transformação, leva o menino obrigatoriamente a transitar em outros ambientes, a vaguear em outro mundo, de que ele se aproxima através de sua arte.

Vale lembrar a delicadeza, o lirismo e o encantamento que se revelam nesta figura exógena – que cresce para fora –, cuja sensibilidade se lança qual papagaio pelos ares, “sempre a subir nos sonhos” (p. 12). É a sensibilidade nata do rei-artista que se abre para pequenos objetos e acontecimentos que modificam, mesmo que por breves circunstâncias, a trajetória já previamente demarcada de sua existência. A marca de sua diferença está visivelmente estampada na orelha, carcomida pelos ratos. Essa diferença, pelos sentidos que ela anuncia, o obriga a ocupar um lugar, diga-se inferior, marginal, no complexo estrato social a que pertence.

O ambiente descrito por Manuel Rui é carregado de um impressionante e comovente realismo. Obtêm-se efeitos cênicos com estas marcas realistas: a orelha ratada, os telhados de zinco, os cartões para se ir na “bicha de pão”, pois elas se apoiam numa linguagem precisa e direta, de tal sorte, que os fatos, linearmente encadeados, formam os pilares que sustentam a narrativa. Por outro lado, é possível visualizar, como num quadro, “o papagaio inchado a rasgar

vento, a parar, a descer vertiginoso quase para cair e depois em subida para o céu, os crescidos também admirados” (p. 17). Como um papagaio, no seu duplo sentido, Kalakata também realiza seu vôo, misturando vôo leve e ginga de luta, na “bicha do pão”: “Mexia os braços no ar e, desesperadamente, apontou uma cabeçada na cara agachada do que lhe recebera o cartão” (p. 18). Como o papagaio de papel que, num embate constante com o vento, rasga o céu até ser vencido por sua intrínseca fragilidade, Kalakata é dominado pelos outros, os gregos, os marginais de “facas guardadas nos bolsos” (p. 13), mas mesmo assim se realiza, quando se defende com sua dança, para salvar os pães. Dança e luta se mesclam, se misturam. Faz-se lugar onde as diferenças se enfrentam: a leveza da dança e a brutalidade da luta criam, assim, coreografias em movimento.

A encenação transforma o conto em ação e revelação. Nela o narrador arma uma situação dramática a partir de breves lances e golpes. Na descrição das cenas e dos objetos, tudo é funcional, tudo leva-nos a pequenos clímaxes e a um desfecho inevitável. Construída a trama e colocada a circunstância dramática, observa-se nitidamente o irreversível e o inexorável. Mas o sonho, espelho do desejo, permeia as ações do nosso rei-papagaio. O vôo, construído pelo desejo, será um dia possível mesmo neste ambiente inóspito.

Há um ar de espontaneidade no conto. O menino-rei-papagaio vai, num crescendo, ocupando espaços: “um tal Kalakata que construía um papagaio num instante para subir no céu, voar, voar, dar voltas assanhadas no vento, vaiolar, descer de cabeça e, de repente, subir rápido até no fim do fio (...) (p. 15)”. Na sua aparente fragilidade, em seus poucos anos ainda em criança, a personagem vai transmutando a realidade hostil, cruel, em sonho de leveza: construir o maior e mais belo papagaio já visto nos ares. A vida, as situações vivenciadas, os acontecimentos, seu lugar ou seu lugar-nenhum, obrigam-no a criar defesas, a estar sempre em vigília, com o “sono leve de chefe”, anunciado no início do conto. A dureza da fome o obriga a estar sempre alerta na fila do pão, pois qualquer instante, um instantezinho de nada, pode ser determinante: perde-se o lugar, e, perdendo-se o lugar na bicha, apanha-se ao chegar em casa. Às vezes é necessário ceder tamanha a pressão do bando dos gregos que se vão se infiltrando “num cotovelo da bicha”. (p. 13)

A rigor, Kalakata faz parte de um grupo social à margem e sua perspectiva social será reiterada toda vez que ele ou o grupo que o cerca tiver seu destino ligado aos mecanismos legitimados pela sociedade de que faz parte. Mas, sob o impulso de forças fundamentais que conferem historicidade às tensões culturais entre indivíduos dentro de um mesmo grupo e de grupos diferenciados ou distanciados culturalmente, há a possibilidade de interação. É, portanto,

no interior mesmo das tensões vividas por Kalakata que vamos perceber uma inadaptação social a um determinado estado de coisas e de circunstâncias que o conto de Manuel Rui explicita.

Nossa personagem faz parte de um grupo cuja existência, bem ou mal lograda, numa ordem trágica, torna-se cabalmente representativa das situações históricas que a determinam: são os conflitos subjacentes à trama social, teia de tensões, que aparecem nitidamente na narrativa de Manuel Rui. Tais conflitos são cotidianamente vividos por Kalakata. Tudo se faz com uma tensão interna pressionada por uma tensão externa constante. Não obstante, sua válvula de escape é a feitura dos papagaios, em que a tensão é bem outra, destas que produzem alívio, satisfação, alegria.

Cumprе salientar que só o indivíduo identificado com o destino de sua classe pode ter uma visão totalizante da sociedade, na medida em que encarna a função e as aspirações da sua classe, denunciando assim os obstáculos da emergência dela no cenário social. Kalakata, ao fazer papagaios, clama por justiça, ele luta por ser visto por aqueles que ocupam uma posição superior. Daí o seu desespero, quando, na luta com os gregos, ele se percebe confundido com a marginalidade:

No rodar o corpo, Kalakata viu o pai dos miúdos donos dos papagaios. Num instante, lembrou-se do serviço dele, castigar gregos. E, noutro instante, suspendeu os braços numa expectativa feliz. (...) E o homem virou as costas, entrou no carro e foi embora. (p. 19)

O ficcionista Manuel Rui é aquele capaz de representar nos seus personagens a perdida unidade do homem, isto é, fixar aquele ser a quem roubaram horizontes, a quem negaram um lugar ao sol, mas que aspira a ser íntegro numa sociedade que o mutila e o obriga a ocupar sempre o mesmo lugar. Kalakata é essa figura que procura, à mercê dos fatos e das circunstâncias, superar as diferenças. E o modo de superá-las se constrói, no conto, através da arte que proporciona meios de trânsito por diferentes espaços.

Kalakata, marcado por um destino em que se entrecruzam os contrários, consegue transformar tudo que está ao seu redor, restos de um mundo que não é só o dele. Disfarçadamente Kalakata se aproveita da condolência dos outros meninos melhor situados no espaço social marcado por intensas contradições. Assim, pode-se dizer, ele faz dos papaios o modo de transgredir a miséria, a desigualdade, a opressão, que se abatem contra os mais fracos e que faz da violência a única forma de reação.

Kalakata transita entre dois mundos: o dele e o dos meninos mais ricos. Com sua habilidade artística ele vai conquistando fama. Ele que nascera com

várias faltas, a partir delas e convivendo com elas deixa aflorar o rei dos papagaios. Há dentro dele um querer que o fará transitar entre o seu mundo e o dos meninos ricos, sem contudo deixar de ser aquela criança que tem o “serviço de ele ir no pão” (p. 13). Mas sendo rei, entre os outros, aos olhos dos outros, ele será tratado com honras, exceto pelos marginais que não o reconhecem rei-Kalakata, pois estão cegos pela crueza do espaço de exceção em que vivem, fazendo-se prisioneiros desse espaço.

“Mas ainda assim, a tristeza, Kalakata ultrapassa” (p. 13). Ele era criança, e como tal tinha lá suas brincadeiras, seus sonhos, seus desejos e, principalmente, sua marca diferencial em relação aos outros: talento para a transformação, para a criação, talento para a arte. É interessante observar que o conto associa a arte ao trabalho. Kalakata “trabalha também no barro, madeira, cartão, bimba, tudo Kalakata faz coisas” (p. 14). Ele é o diferente, ele é o rei da criação, sonhador, artista que transforma os restos em objetos cheios de beleza. Por isso barganhavam com a arte de Kalakata. Como recompensa por suas criações, ele sempre recebia algo: um lanche, uma campainha de bicicleta, um pedal, um canivete ou um “bué” de pilhas. Restos, pedaços, bugingangas a que Kalakata empresta outros sentidos.

Mas, e quanto à fama do rei dos papagaios? Ela seria sustentável ao longo do tempo? E o vôo da ascensão não reservará uma queda destruidora? Como é sair da traseira da casa-anexo, e chegar à casa dos miúdos ricos, como sair da periferia e chegar ao centro? Será que tem sucesso garantido aquele que copiou e superou a cópia:

Depois que viu um na Feira, foi só reimaginar trocar materiais nas trocas, começar o primeiro assim e já no segundo (...) enfeitar-se no céu com aquele papagaio lindo. (p. 14)

Kalakata ocupou um lugar de destaque no meio dos outros. Envergonhado sempre e às vezes sem coragem para pedir as sobras de suas criações, a posição dele era sempre marcada por sua condição de inferioridade. Era constantemente sentir-se estrangeiro no meio dos outros. Mas ainda assim Kalakata era rei, e aos reis que vêm de fora oferecem-se banquetes. Em casa dos dois miúdos foi tratado como rei, com direito a um banquete a cada almoço: no primeiro almoço grande pitêu de bife com batata frita, no segundo, caldeirada de cabrito e no último, frango de churrasco. No fim, deram ainda: “seis latas de gasosa, dez xuingas, uma camisa e uns calções já usados”. (p. 17)

Um banquete a cada dia, uma comunhão que se faz por deslocamento, recompensa pelo serviço, pela construção dos papagaios que seriam de outros, ao final. Restava-lhe a construção, a execução, a realização de um desejo alheio.

E quanto ao seu desejo? Que lugar ele ocupa no conto?

Era seu talento individual que o deslocara para aquele espaço diferente, embora sua tarefa de buscar o pão o mantivesse preso ao seu destino. As obrigações do dia-a-dia o traziam para o mesmo lugar: “foi pontual no posto do pão” (p. 18). Que mudanças sua arte ajudou a construir?

O sucesso com os papagaios garantia-lhe um posição de destaque entre os seus na escola do primeiro nível. Sua marca já era outra, ele era agora o rei dos papagaios. Rei que falava à multidão, rei que discursava em microfone sobre papagaios, seu domínio, sua fortaleza, sua válvula de escape para um existência tão dura.

Levando-se em consideração os aspectos socioculturais que colocam frente-a-frente as diferenças, “O Rei dos papagaios” é um conto neo-realista. Estamos plenamente conscientes das limitações impostas pela classificação, mas o que se observa neste texto de Manuel Rui é uma necessidade de explorar as questões sociais com extremo realismo, que via de regra retratam a realidade social circundante vigente, vale, dizer, nacional. A estratégia adotada permite uma representação do *status quo*, que se deseja talvez transformar ou, melhor, reconhecer. *Status* cujo abismo separa de modo gritante os indivíduos socialmente marcados, iguais a Kalakata que morava numa traseira improvisada, “só com tijolo por rebocar e zinco” (p. 11). A desigualdade social é algo que precisa ser superado e um dos caminhos dessa ultrapassagem se traça pela ação, pelo fazer, metaforicamente representado no conto de Manuel Rui pela capacidade de Kalakata de construir, de transformar em beleza os restos de que dispunha.

Voltando ao nosso pequeno grandioso herói, observamos que sua posição inicial o obrigava a lances de sobrevivência e que posteriormente o colocava novamente indefeso diante dos acontecimentos. Atacado pelos gregos (marginais) quando voltava da fila, com o pão em mãos para alimentar a família, Kalakata é surrado, agredido, humilhado. Neste instante afirma-se a diferença de sua classe. Enquanto construtor de papagaios ele tinha um tratamento, porque servia para alguma coisa, servia a um propósito. No meio dos seus iguais, no seu mundo, ele não podia ser reconhecido pelos de fora, porque aí ele se indiferenciava na massa. De uma massa que impede, por ser violenta, de uma aproximação, uma comunhão. Não obstante, fica evidente no conto a idéia de que não há comunhão possível entre classes com interesses tão diversos, entre classes que não falam uma mesma língua e cujas vozes têm ecos diferentes. Por isso, o pai dos miúdos ricos o confunde com a massa de marginais. E mesmo sendo rei, ele deixa de ser reconhecido.

Ao chegar em casa, após lutar e “violar” contra os gregos, sem o precioso

so pão-alimento, é surrado novamente pela madrasta que o acusa de grego (bagunceiro), sem ao menos atentar para o sangue o sangue, que trazia no corpo. Também a madrasta, a “mamãe, de certa forma, vira as costas ao rei, pois não consegue enxergá-lo fora da crueza da fome e da miséria em que vivem.

O miolo do conto, não obstante, é preenchido pela arte do rei dos papagaios. Kalakata realiza, bem ou mal, seus sonhos, seus desejos. Ele supera sua condição social inferior, sendo ou pensando-se rei, ainda que a dura realidade lhe passe a perna, literalmente. Mas a possibilidade de transgressão está assinalada.

Assim, podemos dizer que Kalakata, aqui representado como pertencente a uma sociedade em transformação, revela uma angústia interior e ao mesmo tempo um desejo de superar a não inserção da diferença no interior do discurso dominante, que exclui a margem ou a fixa em seu próprio território. Excluir ou fixar significa, portanto, no caso em questão, o mesmo processo de afastamento da diferença. Não obstante, esses mecanismos de exclusão são retrabalhados no conto como um processo conflituoso, pois denuncia o fato de a inserção só poder ser efetivada em nome de uma renúncia, a da própria identidade. Ao transgredir essa situação, Kalakata, como ser do deslocamento, faz de si e de seus papagaios outra possibilidade de mudança que opera com o potencial de criação de cada cultura.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the short story “O Rei dos papagaios”, by Manuel Rui, considering the existing traits of identity building process in a society marked by the presence of minority groups which cannot recognize themselves within their own homeland.

Referências bibliográficas

- COUTINHO, Eduardo F. La ficción latinoamericana de los años 60 y la cuestión de la identidad cultural. In: **Anuário brasileiro de estudos hispânicos**. Brasília: Conselho de Educación de la Embajada de España, 1994.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto et al. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- KANDJIMBO, Luis. Chinua Achebe: um ficcionista da tradição e do relativismo. In: **Estudos portugueses e africanos**. Campinas, n.15 Jan./Jun. 1990.

- LUCAS, Fábio. **O caráter social da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Quíron, 1976.
- MATUSSE, Gilberto. A representação literária da identidade na literatura moçambicana: Craveirinha. In: **SCRIPTA**. Belo Horizonte. v. 1 n. 1 – 2º sem. 1997.
- RUI, Manuel. O Rei dos papagaios. In: **1 morto & os vivos**. Lisboa: Edições Cotovia, 1993.
- WALTY, Ivete L. Camargos. Oralidade e escrita na escola/O lugar da literatura. In: **Cadernos de Pesquisa**. Belo Horizonte. NAPq/FALE/UFMG. n. 19 Outubro, 1994.